

## **BILINGUISMO PRECOCE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA GENÉTICA: RESENHA DE LITERATURA\***

Elizabete Villibor FLORY

(Doutora pelo Instituto de Psicologia – USP)

[beteflory@hotmail.com](mailto:beteflory@hotmail.com) ou [elizabete.flory@uol.com.br](mailto:elizabete.flory@uol.com.br)

Maria Thereza Costa Coelho de SOUZA

(Professora Associada Instituto de Psicologia USP)

[mtdesouza@usp.br](mailto:mtdesouza@usp.br)

*RESUMO: O Bilinguismo Precoce tem influências sobre o desenvolvimento infantil, mas não de forma simples e unilateral. Apresentamos um levantamento de pesquisas, organizadas em três grupos: vantagens, desvantagens e diferenças, comparando-se o desempenho de bilíngues e monolíngues. De modo geral, as vantagens referem-se a antecipações em aspectos específicos do desenvolvimento cognitivo, como controle inibitório e percepção metalingüística. As diferenças referem-se a âmbitos em que características específicas entram em cena, como a mudança de código. As desvantagens referem-se a determinados contextos nos quais o Bilinguismo se dá, à valorização das línguas e à proficiência do sujeito – e não ao Bilinguismo em si.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Bilinguismo; Desenvolvimento infantil, Assimilação cultural.

*ABSTRACT: Early Bilingualism influences Child Development, but not in a simple and unilateral way. For the purpose of this article, research works on the subject were subdivided into three groups, according to the performances of monolinguals and bilinguals. One group points to advantages concerning anticipation in specific aspects of the cognitive development, such as inhibitory control and metalinguistic awareness. The second group points to differences in specific aspects, such as code-switching. The third group points to disadvantages that are related to the context of the Bilingualism, the valorization of the languages, and the proficiency of the subject, but not to the Bilingualism per se.*

*KEY-WORDS: Bilingualism; Child Development, Cultural Assimilation.*

---

\* Esta revisão de literatura é parte da tese de doutorado intitulada “Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget”, elaborada por Elizabete V. Flory, sob orientação da Professora Associada Maria Thereza C. C. de Souza, defendida em fevereiro/2009, com apoio do CnPq, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP.

## 0. Introdução: Bilinguismo infantil e desenvolvimento cognitivo

Dentre os estudos sobre o Bilinguismo, um dos temas mais relevantes diz respeito às possíveis consequências do crescer bilíngue no desenvolvimento da criança. Apresentamos a seguir um levantamento de pesquisas sobre influências do Bilinguismo precoce (aquisição da segunda língua na primeira infância) acerca do desenvolvimento da criança, com especial atenção ao desenvolvimento cognitivo.

Vale acrescentar que esta revisão de literatura é parte de nossa tese de doutorado, intitulada "Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget" (vide nota de rodapé no título). Assim, foi elaborada a partir da perspectiva da psicologia genética, fazendo com que alguns conceitos, como o de anomia, por exemplo, possam ser utilizados numa acepção diferente daquela utilizada em linguística. Nesses casos, sempre que possível, explicitamos o sentido em que usamos tais termos, buscando evitar possíveis interpretações equivocadas.

Katchan (1986), em revisão de pesquisas sobre efeitos do Bilinguismo Precoce acerca do desenvolvimento cognitivo, afirma que a literatura estudada é vasta, complexa e contraditória. Até meados da década de 1960, as pesquisas apontavam para desvantagens associadas ao Bilinguismo. Porém, reanalisando esses trabalhos, percebe-se que houve falhas metodológicas graves, que resultaram de uma confusão entre o Bilinguismo e os fatores ambientais.

Butler e Hakuta (2004) esclarecem que tais falhas envolviam o controle de variáveis como inteligência não verbal, nível sócio-econômico na composição dos grupos a serem pesquisados e a questão da língua utilizada nos testes. Uma vez ajustados esses problemas metodológicos, os resultados das pesquisas passaram a apontar vantagens relacionadas ao Bilinguismo. Segundo Baker e Prys-Jones (1998), o período da descoberta dos efeitos positivos do Bilinguismo sobre a inteligência tem como maior expoente uma pesquisa feita por Peal & Lambert em 1962, em Montreal. Foram comparados bilíngues balanceados e monolíngues de 10 anos de idade, em 6 contextos socioculturais diferentes.

Bialystok (2006) também se refere a tal pesquisa como um ponto de virada nos estudos das relações entre Bilinguismo e inteligência. A autora esclarece que as hipóteses de Peal e Lambert (op.cit.) pressupunham que monolíngues e bilíngues teriam o mesmo desempenho em testes de inteligência não verbal, e que as crianças monolíngues teriam um desempenho melhor do que as bilíngues nos testes de inteligência verbal utilizados na pesquisa. Relata ainda que os

resultados foram exatamente opostos, para surpresa dos autores do estudo.

Segundo Baker e Prys-Jones (op. cit.), os bilíngues balanceados apresentaram pontuação significativamente maior em 15 dos 18 testes de QI utilizados, e nos outros 3, o efeito foi neutro. Conforme Bialystok (op. cit.), tal estudo mudou a configuração das pesquisas na área e a expectativa dos pesquisadores quanto aos resultados. Por exemplo, passou-se a dar mais atenção ao controle de variáveis e à língua em que as tarefas e testes eram realizados. Porém, a autora alerta que é preciso cautela na interpretação de tais dados, uma vez que a população estudada por Peal e Lambert (op.cit.) parece representar uma parcela privilegiada da sociedade, mais especificamente, um grupo seletivo de francofonos residentes em Montreal.

Baker e Prys-Jones (op. cit.) também fazem ressalvas à interpretação de tais resultados, afirmando que tal pesquisa tem questões metodológicas a serem questionadas, dentre elas, certa confusão entre causa e efeito, de modo que não se saberia ao certo se foi o fato de ser bilíngue balanceado que levou a um aumento no QI ou se foi o fato de já serem crianças com QI elevado que as tenha levado a desenvolver um Bilinguismo Balanceado. Os autores também comentam o fato de os resultados se referirem somente a bilíngues balanceados com boa proficiência nas duas línguas (não podendo ser generalizados para outros tipos de Bilinguismo), e falam sobre a necessidade de se diferenciar entre o nível socioeconômico e o nível sociocultural.

Mesmo com essas limitações metodológicas, tal pesquisa inaugurou a "fase dos efeitos positivos do Bilinguismo", que persiste até os dias de hoje. Inúmeras pesquisas subsequentes encontraram resultados nesse mesmo sentido.

Concordamos com Bialystok (2006), pesquisadora que se sobressai nos estudos do Bilinguismo pela abordagem cognitiva, quando diz que é necessário que se interprete tais resultados com cautela. A autora ressalta a necessidade de se esclarecer a natureza e a extensão da influência do Bilinguismo. Complementa que "1provavelmente deve haver áreas específicas do funcionamento cognitivo em que crianças bilíngues difiram de monolíngues, mas afirmações generalizadas sobre uma superioridade intelectual são provavelmente exageradas e insustentáveis" (p. 188, tradução nossa).

---

<sup>1</sup> There may well be specific areas of cognitive functioning in which bilingual children differ from monolinguals, but broadly based statements about intellectual superiority are probably excessive and unsupported.

A mesma autora preocupa-se em desmistificar a idéia segundo a qual o Bilinguismo infantil aumentaria a inteligência da criança. Concordamos com a relevância dessa questão, ressaltando a necessidade de se considerar o sujeito psicológico<sup>2</sup> ao se utilizar conhecimentos sobre desenvolvimento infantil no trabalho prático com crianças.

Em nosso ponto de vista, vale salientar que não se busque uma resposta absoluta e unilateral para a questão “o Bilinguismo infantil aumentaria a inteligência?” Há uma grande diversidade de tipos de Bilinguismo, relacionados a diferentes contextos de vida, que configuram relações particulares com o desenvolvimento cognitivo.

Segundo a referida autora, uma criança torna-se bilíngue por diversas razões, que podem incluir migração, educação, família estendida (avós, primos, tios), residência temporária. Explica ainda que esses diferentes contextos estão associados a diferentes classes sociais, oportunidades e expectativas educacionais, acesso a sistemas de apoio, oportunidades de experiências enriquecedoras e ambiente linguístico doméstico.

Ainda conforme a autora, cada um desses fatores, por si só, pode ter um impacto significativo sobre o desenvolvimento cognitivo e intelectual e facilmente ofuscaria qualquer efeito universal que possa ser decorrente do fato de a criança conhecer duas línguas. Explica ainda que a influência positiva do Bilinguismo sobre a inteligência parece estar relacionada a um contexto referente a crianças de nível sócio econômico elevado.

Ressalta ainda que a proficiência da criança em cada uma das línguas é um fator particularmente crítico nessa equação, influenciando marcadamente as relações entre Bilinguismo e inteligência. Tal ressalva aparece representada também pela Teoria do Limiar<sup>3</sup>, de Cummins (1979, apud Bialystok, op. cit), segundo a qual haveria limiares de competência linguística que devem ser alcançados por bilíngues para evitar deficiências cognitivas e permitir que aspectos potencialmente benéficos do tornar-se bilíngue influenciem positivamente o desenvolvimento cognitivo.

---

<sup>2</sup> Vale acrescentar que, na perspectiva da psicologia genética, é importante diferenciarmos entre o sujeito epistêmico, referente às possibilidades do ser humano em geral, e não de um indivíduo em particular, e o sujeito psicológico, este sim referente a um indivíduo em particular.

<sup>3</sup> “Threshold Theory”. Tal teoria tornou-se clássica, sendo comentada por vários autores no campo do Bilinguismo, como BAKER & PRYS-JONES (1998), BIALYSTOK (2006), KATCHAN (1986).

A autora esclarece ainda que a busca de respostas acerca das relações entre Bilinguismo e inteligência pode ser influenciada por convicções políticas, posições sociais e sabedoria popular. Afirma que se podem encontrar estudos que corroborem diferentes posições, ressaltando a necessidade de uma leitura crítica das pesquisas. Acrescenta que outra questão que dificulta o esclarecimento dessas relações é a falta de consenso quanto às definições ou conceitualizações de Bilinguismo e de inteligência.

Para respeitar a ressalva feita acima, apresentamos a seguir alguns exemplos de pesquisas na interface entre Bilinguismo e desenvolvimento infantil, incluindo diferentes áreas, como habilidades cognitivas específicas, aquisição de linguagem verbal, adaptação psicológica e social. Organizamos as pesquisas em três grandes grupos: um que aponta para vantagens vinculadas ao Bilinguismo, outro indicando diferenças no desenvolvimento de bilíngues e monolíngues, e um terceiro mostrando possíveis desvantagens relacionadas a certos contextos em que o Bilinguismo se dá.

## 1. Vantagens

Apresentamos a seguir alguns campos de pesquisa em que se conclui, na maioria das vezes, por vantagens vinculadas ao Bilinguismo infantil. Vale salientar que não se trata de unanimidade, mas de uma orientação geral a partir de pesquisas na área.

Há autores que buscam delimitar linhas gerais acerca das relações entre Bilinguismo e desenvolvimento cognitivo. Por exemplo, Diaz e Klinger (2000) apresentam o que chamam de "sumário de conclusões confiáveis", às quais se pode chegar a partir de pesquisas sobre experiências bilíngues precoces e desenvolvimento cognitivo. Dentre elas, afirmam que crianças bilíngues:

- a) mostram vantagens consistentes em tarefas envolvendo habilidades verbais e não-verbais;
- b) mostram habilidades metalinguísticas avançadas, especialmente manifestada em seu controle sobre o processamento da língua;
- c) as vantagens cognitivas e metalinguísticas aparecem em situações bilíngues que envolvem o uso sistemático das duas línguas (como a aquisição simultânea ou a educação bilíngue);
- d) os efeitos positivos do Bilinguismo aparecem relativamente cedo no processo de tornar-se bilíngue e não requerem alto nível de proficiência, nem que se tenha alcançado o Bilinguismo Balanceado.

Como já salientamos anteriormente, vale manter uma postura crítica em relação a generalizações muito amplas, que dificilmente se sustentam universalmente. É fundamental considerarmos o sujeito psicológico, ou seja, o indivíduo em particular, e o contexto em que o Bilinguismo acontece.

### 1.1. Aumento do controle inibitório

De acordo com Bialystok (2005), pesquisas acerca de possíveis consequências do Bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo da criança encontraram resultados confusos ao buscar efeitos em domínios como habilidade linguística ou inteligência. Ao estudar os domínios cognitivos variados (conceito de quantidade, mudança de tarefa e formação de conceito, e teoria da mente), a autora conclui que o Bilinguismo acelerou o desenvolvimento de uma função cognitiva geral relativa à atenção e inibição, e que efeitos facilitadores do Bilinguismo são encontrados em tarefas em que essa função seja requisitada.

No mesmo sentido, após examinar pesquisas referentes à aquisição de língua, habilidade metalingüística, letramento e resolução de problemas, a autora constata que tais estudos mostram que o Bilinguismo teve um impacto significativo sobre a habilidade da criança em prestar atenção seletiva a informações importantes, relacionada ao controle inibitório. Esse é requerido, por exemplo, em situações em que o objetivo principal é não usar uma resposta automatizada ou usual para o sujeito, como na "tarefa do dia-noite"<sup>4</sup> (p. 214), em que a resposta correta é "dia" quando a figura vista é a lua à noite, e "noite" quando a figura vista é um dia de sol.

Bialystok e Shapero (2005) pesquisaram a habilidade de identificar uma imagem alternativa numa figura reversível em crianças de 6 anos de idade, e concluíram que bilíngues se saíram melhor nas duas tarefas em que o significado de uma imagem tinha que ser redefinido. Tais resultados são compatíveis com os de uma pesquisa anterior (Bialystok e Martin, 2004), conduzida com crianças em idade pré-escolar, com uma metodologia diversa, em que foi constatado que bilíngues tiveram melhor controle inibitório de informações perceptuais do que monolíngues, mas não foram encontradas diferenças quanto à sua capacidade de representação.

### 1.2. Pensamento divergente

---

<sup>4</sup> *day-night task*

Segundo Baker e Prys-Jones (1998), quando uma questão demanda apenas uma resposta correta, estamos falando em “pensamento convergente”. O “pensamento divergente” seria um estilo de pensamento alternativo, mais livre, aberto para novos fechamentos, elástico, imaginativo e criativo. Nesse estilo de pensamento, em vez de procurar por uma única resposta correta, o sujeito preferiria uma variedade de respostas igualmente válidas.

Os autores explicam que, para se medir o “pensamento divergente”, faz-se perguntas para a criança do tipo: “Em quantos usos você pode pensar para um tijolo?”. As respostas serão avaliadas segundo quatro critérios: fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração da resposta. Segundo os autores, pesquisas acerca de efeitos do Bilinguismo sobre o pensamento divergente aconteceram em diferentes países, como Canadá, Irlanda, México, Singapura e USA. Acrescentam que a maioria dessas pesquisas mostra que bilíngues superaram monolíngues em medidas de pensamento divergente, e tal superioridade foi encontrada principalmente em bilíngues balanceados.

Vale ressaltar que não se diz que “todas as pesquisas” apontam para vantagens de bilíngues no que se refere ao pensamento divergente, e sim “a maioria das pesquisas”. Em nosso ponto de vista, isso abre espaço para pensarmos na importância do contexto e das condições nas quais o Bilinguismo infantil se desenvolve, do tipo de Bilinguismo estudado e das condições de pesquisa, que envolvem, por exemplo, o controle adequado de variáveis importantes, como condição socioeconômica e proficiência nas línguas.

### 1.3. Bilinguismo e habilidades metalingüísticas

Segundo Bialystok (2006: 124), a habilidade metalingüística<sup>5</sup> “descreve a capacidade de usar o conhecimento sobre línguas em oposição à capacidade de usar a língua.” (tradução nossa). De modo geral, diversos autores (Baker & Prys-Jones, 1998; Bialystok, op.cit.; Diaz & Klinger, 2000; Katchan, 1986) concluem, a partir de revisão de literatura da área, que a percepção da relatividade da relação entre o signo e o objeto por ele representado é antecipada em crianças bilíngues.

Por exemplo, Katchan (op.cit.) faz uma revisão de literatura em que apresenta várias pesquisas, indicando que bilíngues superaram

---

<sup>5</sup> describes the capacity to use knowledge about language as opposed to the capacity to use language.

monolíngues em habilidades metalinguísticas, além de uma pesquisa que critica tais resultados e metodologia.

O campo da metalinguagem é um dos objetos de estudo de Bialystok (op.cit.) em obra mais recente, ao concluir que a vantagem de bilíngues em relação às habilidades metalinguísticas refere-se às tarefas em que é necessário o uso de controle inibitório, sobretudo em situações em que haja informações conflitantes.

#### 1.4. Bilinguismo e Pensamento Operatório

De maneira geral, há pesquisas que apontam para a antecipação da entrada no pensamento operatório por crianças bilíngues. Baker e Prys-Jones (op.cit.), dedicam um sub-capítulo ao tema "Piaget e Bilinguismo", ao relatarem que tal antecipação tem sido encontrada em estudos sobre Bilinguismo.

Katchan (op. cit.) apresenta a hipótese de antecipação da entrada do pensamento operatório como decorrência de uma antecipação da constatação da relatividade entre signo e referente no real. Explica tal relação a partir de Hakes (1980, apud Katchan, op. cit.) es, alegando que a habilidade geral subjacente às duas situações seria a mesma: uma retomada mental de uma situação e reflexão sobre ela. Nesse contexto, cita a pesquisa de Liedtke & Nelson (1968, apud Katchan, op. cit), em que se constatou uma antecipação da conservação de comprimento (relacionado ao aparecimento das operações concretas) no desempenho dos participantes bilíngues.

Novamente, vale acrescentar que não se trata de uma unanimidade, de modo que também há pesquisas em que não se constata tal antecipação. Saito-Horgan (1995) apresenta, como ponto de partida para seu estudo, várias pesquisas em que se constatou uma relação entre Bilinguismo e antecipação da entrada no pensamento operatório. Todavia, conclui que crianças bilíngues não tiveram vantagens nem desvantagens quanto à entrada no pensamento operatório, num contexto em que o Bilinguismo estudado foi subtrativo<sup>6</sup>.

## 2. Vantagens e desvantagens ou diferenças?

---

<sup>6</sup> Bilinguismo Subtrativo é aquele em que, ao adquirir a segunda língua, a criança perde a proficiência em sua língua materna. Refere-se, geralmente, a contextos de e/imigração em que há desvalorização da língua e cultura de origem do sujeito. Bilinguismo Aditivo é aquele em que a segunda língua é adquirida e a primeira língua é mantida.



É possível que encontremos desenvolvimento diferente em alguns campos, como aquele referente à mudança de código<sup>7</sup>, sem que seja necessário classificá-los em vantajosos ou desvantajosos. Por outro lado, também há aspectos em que podemos observar vantagem, diferença e desvantagem vinculadas ao Bilinguismo. Segundo Bialystok (2007), o campo do letramento parece ser um bom exemplo dessa situação.

Vale acrescentar que a neutralidade, ou seja, as situações em que não se encontrou diferenças no desempenho de monolíngues e bilíngues, aparece também em algumas das tarefas utilizadas em pesquisas em que se concluiu por vantagens vinculadas ao Bilinguismo.

### 2.1. Mudança de código

Segundo Milroy e Muysken (1995), inicialmente, a perspectiva lingüística a partir da qual se observava o fenômeno considerava o Monolingüismo como o “desenvolvimento normal” em uma comunidade lingüística homogênea. Nesse contexto, a mudança de código era entendida como um desvio da fala. Tal comportamento, tão frequente na fala de bilíngues, era compreendido como decorrência de uma confusão entre os sistemas lingüísticos, fruto de uma proficiência inadequada em pelo menos uma das línguas em questão.

Hoje em dia, sabe-se que tais conclusões não são pertinentes. Várias pesquisas mostram que a mudança de código observada no comportamento de crianças bilíngues não significa confusão entre os sistemas lingüísticos. Por exemplo, Genesee, Nicoladis e Paradis (1995), pesquisadores referência na área, após reflexões acerca da literatura já existente (Genesee, 2006), conduziram um estudo de caso com 5 crianças bilíngues precoces inglês-francês, em cuja família um dos pais sempre falava apenas uma língua com a criança, e o outro na outra língua, com idade média de 1 ano e 11 meses. As crianças foram observadas com cada um dos pais separadamente (interagindo com a criança na língua em que sempre fala com ela), com ambos os pais ao mesmo tempo e com um estranho monolíngue inglês.

A análise dos resultados permite concluir que as crianças sabiam diferenciar as línguas e que a habilidade de separar línguas é uma resposta adaptativa ao contexto em que vivem. Acerca da diferenciação

---

<sup>7</sup> Segundo Mello (1999), a partir de definição de Grosjean, a mudança de código ou *Code-switching* refere-se a situações em que, numa mesma enunciação ou conversação, usam-se alternadamente as duas línguas. Por exemplo, quando uma criança diz “*I want a garfo.*”

de sistemas gramaticais das línguas, Meisel (2006) chega a conclusões semelhantes.

Mello (1999), em pesquisa brasileira sobre mudança de código, apresenta estudo de caso sobre o que chamou de "falar bilíngue". A autora analisou o discurso espontâneo de duas crianças bilíngues precoces inglês-português, em idade pré-escolar. Concluiu que a mudança de código, em vez de significar pouca proficiência em uma das línguas ou uma escolha aleatória entre línguas, configurou-se numa estratégia lingüística significativa, bem utilizada pelos bilíngues em sua comunicação.

Milroy e Muysken (1995) afirmam que a linguística orientada a partir do Monolinguismo pode ser muito enriquecida, levando-se em consideração estudos sobre Bilinguismo. Por exemplo, ao aprofundar o conhecimento sobre temas como uso e variação das línguas, a mudança de língua durante um ato de fala, processamento e armazenamento simultâneo de duas línguas no cérebro, padrões gramaticais, mistura de sons.

## 2.2. Aquisição bilíngue

Inicialmente, cabe esclarecer que a aquisição de conceitos lógicos não é prejudicada pela aquisição bilíngue. A esse respeito, Katchan (1986: 675) afirma que:

<sup>8</sup>Qualquer receio de que os bilíngues se atrasem na formação de conceitos foi dissipado por Keats & Keats (1974) e Keats, Keats & Fan (1982), que testaram crianças bilíngues polonês-inglês, alemão/inglês, chinês/inglês e malês/inglês e descobriram que os conceitos lógicos adquiridos em uma língua podiam ser transferidos para a outra. (tradução nossa)

Sobre a aquisição bilíngue, Kato (2003) apresenta uma contribuição interessante ao analisar o seu próprio Trilinguismo a partir da perspectiva gerativista. A questão subjacente é se o acesso à Gramática Universal<sup>9</sup> continua possível ao se adquirir uma língua em

---

<sup>8</sup> Any qualms about the bilingual children's being retarded in concept-formation was dispelled by Keats & Keats (1974) and Keats, Keats & Fan (1982) who testes Polish/English, German/English, Chinese/English and Malay/English bilingual children and found that logical concepts acquired in one language could be transferred to another.

<sup>9</sup> Segundo Kato (2003), a Gramática Universal, ponto de partida comum a todas as crianças, e homogênea dentro da espécie humana, é definida como um conjunto de

idade mais avançada. No final do artigo, chega à conclusão de que deve haver idades críticas (em relação ao acesso à Gramática Universal) diferentes para a aquisição da prosódia, da fonologia e da sintaxe. Finger (2003) apresenta reflexões teóricas acerca do tema, com foco nos três diferentes posicionamentos adotados por pesquisadores dentro da abordagem gerativista: acesso total, parcial ou nulo à Gramática Universal na aquisição de um segundo idioma.

Ainda sobre o tema “aquisição bilíngue” pesquisado a partir da perspectiva gerativista, Meisel (2007) estuda o processo de aquisição da chamada “língua mais fraca” em bilíngues dominantes. O autor faz um resumo do que as pesquisas acerca da aquisição bilíngue em bilíngues balanceados com boa proficiência já haviam descoberto: que a aquisição simultânea de duas línguas implica que ambas sejam adquiridas como uma primeira língua; que os sistemas lingüísticos são diferenciados desde o início; que o desenvolvimento gramatical procede como em monolíngues e que a capacidade gramatical em cada língua é idêntica a de pares monolíngues. Também grifa que o Multilinguismo é viável dentro da capacidade humana para línguas, mas que isso não significa dizer que toda criança será bem-sucedida nesse processo.

O mesmo autor conclui que a língua mais fraca foi aprendida mais lentamente, mas não como uma segunda língua. Os aprendizes tinham o conhecimento, e o usavam, ao lado das construções desviantes. Ressalta ainda que tais conclusões não excluem a possibilidade de falha na aquisição, mas mostram que ela não é necessária.

De volta ao âmbito brasileiro, Marcelino (2007), a partir de uma abordagem gerativista, estudou o parâmetro de composição e seu papel na aquisição/aprendizagem de inglês por brasileiros. Segundo o autor, os dados sugerem que a aquisição das propriedades do parâmetro de composição em segunda língua não é semelhante à sua aquisição em língua materna, e algumas propriedades nucleares parecem ter sido aprendidas por falantes avançados via imersão, enquanto as estruturas não nucleares via instrução formal.

Em nosso ponto de vista, naturalmente, é essencial considerar parâmetros monolíngues ao se interpretar fenômenos relacionados ao Bilinguismo. Porém, pensamos ser igualmente importante ter-se sempre em mente que se trata de um desenvolvimento diferente em alguns aspectos, com peculiaridades, e que devemos ter consciência da perspectiva a partir da qual julgamos um fenômeno. Por isso, optamos

---

princípios, propriedades invariantes das línguas naturais, e de parâmetros de variações lingüísticas, com um conjunto de propriedades variáveis.

por classificar o tema "aquisição bilíngue" no grupo "diferenças?", no presente levantamento de literatura.

### 2.3. Cérebro Bilíngue

O estudo do Bilinguismo a partir da perspectiva da neurologia, ou melhor, da neurolinguística, tem trazido contribuições importantes para a construção de conhecimento sobre o tema. Por exemplo, sobre diferenças na organização cerebral de bilíngues e monolíngues, Hull e Vaid (2006), por meio de metaanálise de estudos sobre a assimetria hemisférica funcional para línguas em bilíngues e monolíngues, concluíram que monolíngues e bilíngues tardios mostraram consistente dominância do hemisfério esquerdo, enquanto bilíngues precoces mostraram consistente envolvimento hemisférico bilateral. Em pesquisa subsequente, Hull e Vaid (2007) confirmam tais resultados, acrescentando que a lateralização funcional mostrou-se primordialmente influenciada pela idade em que o Bilinguismo teve início (aquisição da segunda língua antes dos 6 anos de idade).

Porém, é preciso ter cautela ao se interpretar pesquisas sobre diferenças na organização cerebral e suas possíveis consequências práticas. Paradis (2004), pesquisador referência na área, explica que as duas línguas de um bilíngue podem ser consideradas sub-sistemas da função linguística total, da mesma forma que a morfologia e a semântica, por exemplo, também podem ser consideradas subsistemas da função linguística total. Assim, ele afirma que <sup>10</sup>"não há nenhum mecanismo em funcionamento no cérebro de um falante bilíngue que não seja também operativo, pelo menos em alguma extensão, no cérebro unilíngüe" (p.229, tradução nossa), concluindo que deve haver diferenças qualitativas no nível do que é representado, mas que só deve haver diferenças quantitativas em relação a como ele é representado e processado.

### 2.4. Letramento e Bilinguismo

Bialystok (2007) desenvolveu várias pesquisas acerca da relação entre Bilinguismo e letramento, ou biletamento. A autora afirma que a competência oral da língua, a compreensão do conceito simbólico da escrita e o estabelecimento de uma percepção metalinguística são três pré-requisitos básicos para a alfabetização. Conclui que o Bilinguismo

---

<sup>10</sup> There is no mechanism at work in the bilingual speaker's brain that is not also operative, at least to some extent, in the unilingual brain.

relaciona-se com cada uma dessas habilidades de modo particular. Algumas vezes, significa uma vantagem, como no conceito de escrita, outras vezes pode significar uma desvantagem, como na competência oral, e outras vezes ainda, uma pequena diferença, como no caso das habilidades metalinguísticas. Assim, a autora relata que o Bilinguismo é claramente um fator relevante para o desenvolvimento do letramento, mas os efeitos desse fator não são simples, nem únicos.

Sobre o tema "Bilinguismo e letramento", Moura, Cielo e Nogaro (2005) avaliaram 42 crianças de terceira e quarta séries do ensino fundamental, sendo um grupo monolíngue português e o outro bilíngue alemão-português, por meio de um ditado balanceado em português. Os resultados sugerem que existe influência do alemão como primeira língua na escrita em português, enfatizando a necessidade de um trabalho voltado para a consciência fonológica.

Cummins (2004), ao discutir o tema letramento e Bilinguismo, afirma que o resultados de sua pesquisa sugerem que um programa de educação bilíngue aditivo bem estabelecido e implementado pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de proficiência acadêmica na língua, sem custos a longo prazo para o desenvolvimento das habilidades acadêmicas na língua dominante na sociedade. Sob nosso ponto de vista, tal contextualização ("programa bilíngue aditivo") indica que tais vantagens não são absolutas, mas que características do contexto têm papel fundamental para se alcançar tal resultado.

### 3. Desvantagens do Bilinguismo?

Em nosso levantamento bibliográfico, o campo em que encontramos possíveis desvantagens foi aquele referente ao Bilinguismo Subtrativo e em pesquisas com foco na diferença entre os contextos em que o Bilinguismo se dá.

Genesee (2004), ao escrever sobre educação bilíngue para crianças de língua majoritária, afirma que as evidências disponíveis não justificam a exclusão arbitrária de estudantes que estão em risco (referindo-se a crianças com baixa *performance* acadêmica, nível socioeconômico baixo, habilidade empobrecida na primeira língua e *status* de grupo étnico minoritário) dos programas bilíngues com base no princípio de que seriam incapazes de se beneficiar da instrução acadêmica por meio de uma segunda língua, ou de que eles seriam prejudicados no desenvolvimento de primeira língua como resultado de tal instrução.

Isso porque, segundo o autor, essas crianças apresentam desempenho pior do que estudantes do mesmo programa que não estão em risco, mas seu progresso não é diferencialmente impedido em

comparação com estudantes em risco em programas monolíngues em sua língua materna. Ao mesmo tempo, podem se beneficiar da educação bilíngue ao adquirir níveis avançados de proficiência funcional na segunda língua. O autor esclarece que não há pesquisas publicadas sobre alunos com distúrbios sensorio-perceptuais, cognitivos ou socioafetivos severos.

Vale ressaltar que o autor refere-se marcadamente ao ensino bilíngue destinado a crianças de língua majoritária, ou seja, que usam tal língua em sua vida em geral, e, na escola, utilizam a segunda língua. Tal delimitação implica que tais conclusões podem não se aplicar a outros contextos, envolvendo outros tipos de Bilinguismo.

Pensamos que isso se deve ao fato de que, ao falarmos em crianças de grupos minoritários, precisamos lidar com uma gama muito grande de situações específicas, envolvendo inúmeras variáveis, como condições de imigração, idade da criança quando chegou ao país que acolheu a família, nível socioeconômico, nível sociocultural, valor atribuído às línguas e culturas pela família e pelo país em que vivem.

Hamers e Blanc (2003: 212) explicam que a confusão entre Bilinguismo e a socialização em grupos minoritários levou à conclusão errônea de que esse levaria a desordens de personalidade:

<sup>11</sup>A anomia<sup>12</sup> tem sido freqüentemente associada a sentimentos de ansiedade, falta de flexibilidade cognitiva e perda de identidade. Esse estado pode ser causado tanto por fatores sociológicos quanto psicológicos. No entanto, não há provas de que exista um vínculo causal entre Bilingualidade e angústia e insegurança. Pelo contrário, vários estudos conduzidos com americanos negros, americanos nativos e americanos hispânicos indicam que, para estudantes de classes minoritárias, vários fatores sócio-culturais, sócio-psicológicos diferentes da língua combinam-se uns aos outros e são causas de angústia. (tradução nossa)

---

<sup>11</sup> Anomie has often been associated with feelings of anxiety, a lack of cognitive and affective flexibility and a loss of identity. This state can be caused as much by sociological factors as by psychological ones. However, no proof has been given of a causal link between bilinguality and psychological distress and insecurity. On the contrary, several studies conducted with Black Americans, Native Americans and Hispanic Americans indicate that for minority students many sociocultural and social psychological factors other than language combine together and are causes of psychological distress.

<sup>12</sup> "desorientação e ausência de regras e valores" (definição de McClosky e Schaar, 1965, apud Hamers e Blanc, op cit.: 212).

Assim, cabe salientar a influência do contexto sociocultural e de fatores sociopsicológicos em que o Bilinguismo infantil acontece, diferenciando-os do Bilinguismo em si.

### 3.1. Influência do ambiente escolar, social e cultural

Cummins (2001) apresenta um enquadre teórico (originalmente apresentado em 1986) a partir do qual pode se analisar as falhas acadêmicas de estudantes de línguas minoritárias e a relativa falta de sucesso das reformas educacionais, como educação compensatória e educação bilíngue. Aponta que tal falta de sucesso explica-se pelo fato de as relações entre professores e estudantes minoritários e entre escola e comunidades minoritárias não terem sofrido alterações significativas. Discute modos pelos quais os educadores poderiam mudar tais relacionamentos e sugere uma redefinição de papéis na sala de aula, na comunidade e na sociedade, de modo a promover um empoderamento desses alunos, o que, de seu ponto de vista, pode levá-los ao sucesso escolar.

Gilanders e Jimenez (2004) fizeram uma pesquisa examinando o ambiente doméstico de crianças descendentes de Mexicanos nos EUA, com *status* socioeconômico baixo, e que mostraram desempenho muito bom na aquisição da leitura e escrita quando comparadas aos seus pares. Os resultados mostram que o apoio ativo dos pais e as práticas de leitura e escrita na família foram promotores de efeitos positivos do Bilinguismo e, conseqüentemente, do letramento. Além disso, o uso do espanhol na escola facilitou a dinâmica da crença na família e o seu apoio ativo no letramento da criança.

### 3.2. Papel da Aculturação

Segundo Berry et al (2006b), aculturação é um fenômeno que ocorre quando duas culturas diferentes entram em contato, por exemplo, em situações de e/imigração. As estratégias de aculturação baseiam-se no valor atribuído à cultura (e língua) de origem e à hospedeira.

Pesquisas que estudam as relações entre aculturação e Bilinguismo foram inseridas nesta parte do trabalho, em virtude de sua proximidade com o tema "influências socioculturais e fatores sociopsicológicos" do Bilinguismo. As possíveis vantagens e desvantagens estarão vinculadas às configurações particulares, envolvendo características de cada indivíduo e do contexto familiar, educacional e social em que vive.

Berry et al (2006a) apresentam os resultados de uma longa pesquisa internacional, bastante ampla, sobre aculturação e adaptação de jovens imigrantes. Os dados colhidos referem-se a 26 contextos culturais diferentes, em 13 países que receberam grupos de imigrantes: Austrália, Canadá, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos. Fizeram parte da pesquisa 5.366 jovens imigrantes e 2.631 jovens nacionais (referente aos jovens nativos do país que recebeu o grupo de imigrantes).

Como resultado geral da pesquisa, os autores relatam terem encontrado um padrão claro de relações, segundo o qual estar envolvido com as duas culturas (integração), atribuindo valor positivo a ambas, promoveu a melhor adaptação psicológica e sociocultural, enquanto não estar envolvido com nenhuma cultura, ou estar confuso sobre sua própria situação, indeterminou as duas formas de adaptação. Tais resultados confirmaram previsões feitas com base em pesquisas anteriores com adultos imigrantes.

Além disso, concluem que: “<sup>13</sup>há um papel positivo da integração assim como consequências relativamente benéficas de uma forte orientação em direção ao seu próprio grupo etnocultural quando comparado a uma preferência por uma orientação em direção à comunidade nacional” (p.326, tradução nossa).

Cabrera et al (2006) examinaram variações na interação mãe-bebê, engajamento paterno e cognição da criança como função do país de origem, *status* socioeconômico e proficiência no inglês. Os sujeitos da pesquisa foram crianças latinas de nove meses de idade, nascidas nos EUA, e seus pais. Segundo os autores, pesquisas anteriores concluíram que a saúde mental e as características contextuais, dentre elas a aculturação, foram preditivas de qualidade do cuidado parental, que, por sua vez, está vinculado ao desenvolvimento da criança.

A pesquisa encontrou relação entre a aculturação e as interações mãe-bebê, e entre a interação mãe-bebê e o desenvolvimento cognitivo. Nesse contexto, uma limitação importante do estudo, reconhecida pelos próprios autores, é o fato de os indícios de aculturação terem sido medidos somente por meio da proficiência no inglês. Além disso, os autores apontam a necessidade de pesquisas com crianças mais velhas, em que a proficiência dos pais em inglês, a pobreza da família, o baixo

---

<sup>13</sup> there is a positive role for integration as well as relatively beneficial consequences of a strong orientation toward one's own ethnocultural group when compared to a preference for an orientation toward the national society.



nível educacional dos pais seus sintomas depressivos devessem ser mais preditivos do nível cognitivo dos filhos.

### 3.3. Bilinguismo Subtrativo

O Bilinguismo Subtrativo está relacionado à desvalorização da língua e cultura de origem do sujeito, e dessa maneira, consideramos que se relaciona também às estratégias de aculturação. Contrastando o Bilinguismo Aditivo e o Subtrativo, Hamers e Blanc (2003: 29) afirmam que:

<sup>14</sup>[...] se as duas línguas forem suficientemente valorizadas, o desenvolvimento cognitivo da criança derivará um benefício máximo da experiência bilingue, que atuará como uma estimulação enriquecida levando a uma maior flexibilidade cognitiva em comparação com os pares monolíngues. Por outro lado, se o contexto sócio-cultural é tal que a língua materna seja desvalorizada no ambiente que circunda a criança, seu desenvolvimento cognitivo pode ficar atrasado em comparação com seus pares monolíngues; (tradução nossa)

Vale ressaltar que, na citação acima, o autor afirma que determinado contexto sociocultural pode levar a determinados resultados, mas não que leva necessariamente a esse resultado. Por exemplo, Winsler et al (1999), pesquisando filhos de imigrantes latinos na Califórnia, concluíram que o fato de ingressar numa pré-escola bilíngue (na qual 50% da instrução era na língua majoritária e 50% na língua minoritária) não fez com que crianças falantes de línguas minoritárias perdessem a proficiência em sua língua materna durante os dois primeiros anos de escolarização.

Vale salientar que as vantagens cognitivas vinculadas ao Bilinguismo Aditivo não devem ser generalizadas para o Bilinguismo Subtrativo. Por exemplo, como já comentado anteriormente, Saito-Horgan (1995) pesquisou crianças bilíngues num contexto subtrativo utilizando metodologia piagetiana (provas operatórias), chegando à conclusão de que o grupo de bilíngues não demonstrou vantagens cognitivas em relação aos monolíngues.

---

<sup>14</sup> if the two languages are sufficiently valued, the child's cognitive development will derive maximum benefit from the bilingual experience, which will act as an enriching stimulation leading to greater cognitive flexibility compared to his monolingual counterpart; on the other hand, if the sociocultural context is such that the mother tongue is devalued in the child's environment, his cognitive development may be delayed in comparison with a monolingual peer's;

O estudo do Bilinguismo Subtrativo também aparece representado nas pesquisas brasileiras. Motta (2004) realizou um estudo etnográfico com 12 famílias brasileiras residentes nos EUA, investigando a competência comunicativa nas duas línguas em cinco domínios sociais. Verificou-se a manifestação do Bilinguismo Subtrativo em crianças e adolescentes, acompanhado de um esforço dos pais em preservar a língua materna, positivamente influenciada pela religião e televisão brasileiras.

### Considerações finais

Apresentamos um levantamento de pesquisas sobre influências do Bilinguismo infantil acerca do desenvolvimento da criança. Dividimos tal tema em três grandes conjuntos: um indicando vantagens vinculadas ao Bilinguismo, outro considerando diferenças no desenvolvimento de bilíngues e monolíngues e um terceiro apontando possíveis desvantagens vinculadas ao contexto em que o Bilinguismo se dá.

Atualmente, a maioria das pesquisas aponta para vantagens vinculadas ao Bilinguismo aditivo, sobretudo com boa proficiência em ambas as línguas. Porém, tais resultados não são unânimes. Ao falarmos a respeito de influências do Bilinguismo infantil sobre o desenvolvimento da criança, é necessário levar-se em consideração aspectos como, por exemplo,

- a) o tipo de Bilinguismo pesquisado;
- b) qual é a habilidade ou capacidade avaliada, e por meio de que tipo de tarefa e/ou procedimento;
- c) a valorização das línguas e culturas em questão;
- d) a proficiência dos sujeitos em cada uma das línguas envolvidas.

Feito este esclarecimento, encontramos na literatura, em geral, vantagens para crianças bilíngues quando comparadas a monolíngues em aspectos como antecipação da percepção da relatividade entre o signo e o referente no real (Bialystok, 2006; Ianco-Worral, 1972; Katchan, 1986) e intensificação do controle inibitório em diferentes campos, incluindo resolução de problemas, letramento e habilidade metalingüística (Bialystok, op.cit.).

A categoria "diferenças" tem o intuito, em nosso trabalho, de salientar que há contextos em que a interpretação do desenvolvimento bilíngue a partir de parâmetros monolíngues já levou a considerar comportamentos típicos dos bilíngues como "erros". Hoje, sabemos que tais comportamentos não dizem respeito a "erros", mas sim a peculiaridades (diferenças) em aspectos específicos do desenvolvimento.

Nessa categoria, inserimos os temas mudança de código, letramento e aquisição bilíngue.

Acerca do último tema, vale ressaltar que, ao falarmos em bilíngues balanceados com boa proficiência, a aquisição simultânea de duas línguas implica que ambas sejam adquiridas como primeira língua (Meisel, 2007). Inserimos, contudo, tal tema na categoria "diferenças", para salientar o cuidado que deve ser tomado ao se interpretar o desenvolvimento bilíngue a partir de um olhar monolíngue (considerando tal desenvolvimento como o "normal").

A categoria "desvantagens" não diz respeito ao Bilinguismo em si, mas a fatores socioculturais e contextuais em que determinados tipos de Bilinguismo acontecem. Esses envolvem uma desvalorização da língua e da cultura da criança quando em condição de encontros interculturais e perda da proficiência na língua materna (Bilinguismo Subtrativo). As desvantagens em questão envolvem desde possíveis dificuldades acadêmicas e cognitivas (Hamers e Blanc, 2003) até questões referentes às adaptações psicológica e social de adolescentes imigrantes (Berry et al, 2006a).

Concordamos com a forma como Wei (2006), a partir de Baker e Prys-Jones (1998), resume a questão sobre as influências do Bilinguismo infantil sobre o desenvolvimento. Ele afirma que pesquisas contemporâneas sugerem que há, no mínimo, oito benefícios que se influenciam mutuamente, vinculados ao Bilinguismo.

Esses incluem vantagens comunicativas (que dizem respeito à relação com os pais, com a família estendida, com a comunidade, comunicação transnacional, fazendo contato com pessoas de outras nacionalidades e etnias, e sensibilidade para línguas e para comunicação); culturais (o conhecimento de uma língua favorece o conhecimento da cultura a ela relacionada, dando acesso a uma visão de mundo específica, além de uma potencial vantagem econômica, por exemplo, no sentido de uma ferramenta profissional); e possíveis vantagens cognitivas (relativas à maior flexibilidade de pensamento e uma aceleração no processo de desenvolvimento cognitivo).

Em relação às desvantagens, Wei (op.cit.) afirma que seria equivocado sugerir que não há desvantagem no Bilinguismo. Contudo, ressalta que problemas de cunho social têm sido injustamente atribuídos à presença de duas línguas na comunidade, culpando o Bilinguismo erroneamente por problemas sociais e individuais. Complementa afirmando que possíveis desvantagens reais do Bilinguismo tendem a ser temporárias, por exemplo, uma dificuldade de acompanhar algumas matérias do currículo em determinada fase. Nesse contexto, ressaltamos a importância de se alcançar boa proficiência nas línguas em questão para que as possíveis vantagens acima mencionadas aconteçam.

O referido autor comenta ainda que um problema mais complexo associado ao Bilinguismo é a questão da identidade, relacionada à forma como as culturas e línguas se relacionam. Salaria que mudanças na identidade acontecem com o tempo e envolvem experiências variadas. De nosso ponto de vista, é fundamental se considerar a valorização atribuída às línguas e culturas pelo sujeito ao pesquisarmos influências do Bilinguismo em seu desenvolvimento.

Concluimos que o Bilinguismo tem influências sobre o desenvolvimento, mas não de forma unilateral e simples. Assim, cabe um cuidado com generalizações muito abrangentes. Na maioria das vezes, as diferenças referem-se a antecipações em aspectos específicos do desenvolvimento cognitivo (como controle inibitório, percepção relatividade signo e referente). Em outros casos, pode haver características específicas, como aqueles referentes à mudança de código e biletamento. As desvantagens por nós encontradas não são vinculadas ao Bilinguismo em si, mas a determinados contextos em que o Bilinguismo se dá.

Ao falarmos em desenvolvimento infantil, vale termos em mente que se trata de uma questão complexa, com múltiplas variáveis que influenciam umas às outras ao mesmo tempo. Nesse contexto, cabe considerar o sujeito psicológico (cada indivíduo em particular), com especial atenção aos aspectos valorativos e afetivos, proficiência nas línguas e desenvolvimento geral da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C.; PRYS JONES, S. *Encyclopedia of Bilingualism an Bilingual Education –School or Education*. University of Walles, Bangor: Multilingual Matters Ltda, 1998.
- BERRY, J.W. et al. Immigrant Youth: Acculturation, Identity, and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 55 (3): 303-332, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. 5<sup>th</sup>. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.
- BIALYSTOK, E. Acquisition of literacy in bilingual children: A framework for research. *Language Learning*, 57(supl 1): 45-77, jun 2007.
- \_\_\_\_\_. *Bilingualism in Development: Language, Literacy & Cognition*. 5<sup>th</sup>. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. Consequences of bilingualism for cognitive development. In: DE GROOT, A.M.B.; Kroll, J.F. (ed). *Handbook of bilingualism: Psycholinguistic approaches*. Nova York: Oxford University Press, 2005.

- BIALYSTOK, E.; SHAPERO, D. Ambiguous benefits: The effect of bilingualism on reversing ambiguous figures. *Developmental Science*, 8(6): 595-604, Nov 2005.
- BIALYSTOK, E; MARTIN, M.M. Attention and Inhibition in bilingual children: Evidence from the dimensional change card sort task. *Developmental Science*, 7(3): 325-339, Jun 2004.
- BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second language Acquisition. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. *The Handbook of Bilingualism*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.
- CABRERA, N.J.; SHANNON, J.D.; WEST, J. & BROOKS-GUNN, J. Parental Interactions With Latino Infants: Variation by Country of Origin and English Proficiency. *Child Development*, 77(5): 1190-1207, 2006.
- CUMMINS, J. Empowering minority students: A framework for intervention. *Harvard Educational Review*, 71(4): 656-675, Win 2001.
- \_\_\_\_\_. Review of language and literacy in bilingual children. *Journal of Child Language*, 31(2): 424-429, May 2004.
- DIAZ, R.M.; KLINGER, C. Toward an Explanatory Model of the Interaction between Bilingualism and Cognitive Development. In: BIALYSTOK, E. (ed.) *Language processing in bilingual children*. 6<sup>th</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FINGER, I. Aquisição de segunda língua: abrangência e limitações do modelo gerativista. *Revista da ABRALIN*, 2(2): 23-45, 2003.
- GENESE, F. Early bilingual language development: one language or two?. In: WEI, L. (ed.) *The Bilingualism Reader*. 5<sup>th</sup> ed. London and New York: Routledge, 2006.
- \_\_\_\_\_. What do we know about Bilingual Education for Majority-Language Students? In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. *The Handbook of Bilingualism*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.
- GENESE, F.; NICOLADIS, E.; PARADIS, J. Language differentiation in early bilingual development. *J. Child Language*, 22: 611-631, 1995.
- GILANDERS, C.; JIMENEZ, R.T. Reaching for success: a close-up of Mexican immigrant parents in the USA who foster literacy success for their kindergarten children. *Journal of Early Childhood Literacy*, 4(3): 243-269, Dec 2004.
- HAMERS, J.F.; BLANC, M.H.A. *Bilinguality and Bilingualism*. 2<sup>nd</sup> ed. UK: Cambridge University Press, 2003.
- HULL, R.; VAID, J. Laterality and language experience. *Laterality: Asymmetries of Body, Brain and Cognition*, 11 (5): 436-464, Sep 2006.
- \_\_\_\_\_. Bilingual language lateralization: A meta-analytic tale of two hemispheres. *Neuropsychologia*, v. 45 (9), p. 1987-2008, 2007.
- IANCO-WORRAL, A.D. Bilingualism and cognitive development. *Child Development*, 43: 1390-1400, 1972.

- KATO, M.A. Child L2 acquisition: an insider account. In: MÜLLER, N. (ed.). *(In)vulnerable domains in Multilingualism*. John Benjamins: 2003.
- KATSCHAN, O. Early Bilingualism: Friend or Foe?. In: KURCZ, I.; SHUGAR, G.W.; Danks, J.H. (ed). *Knowledge and Language*. Amsterdam: Elsevier Science Publishers, 1986.
- MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. Tese (Doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, 2007.
- MEISEL, J. The weaker language in early child bilingualism: Acquiring a first language as a second language? *Applied Psycholinguistics*, 28: 495-514, 2007.
- \_\_\_\_\_. Early differentiation of languages in bilingual children. In: WEI, L. (ed.) *The Bilingualism Reader*. 5<sup>th</sup> ed. London and New York: Routledge, 2006.
- MELLO, H. A. B. *O falar bilíngue*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- MILROY, L.; MUYSKEN, P. *One speaker, two languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MOTTA, K.S. Aulas de português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna. *Cadernos CEDES*, 24(63): 149-163, ago 2004.
- MOURA, S. R. S; CIELO, C.A.; NOGARO, A. Crianças bilíngues alemão/português: dessonorização na escrita em português". *Fono atual*, 8(34): 43-48, set-dez 2005.
- PARADIS, M. A. *Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins B.V., 2004.
- SAITO-HORGAN, N. Rates of Cognitive Development among Bilingual Latino Children. In: *ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION*, San Francisco, Apr. 1995.
- WEI, L. *The Bilingualism Reader*. 5<sup>th</sup> ed. London and New York: Routledge, 2006.
- WINSLER, A. et al. When Learning a Second Language Does Not Mean Losing the First: Bilingual Language Development in Low-Income, Spanish-Speaking Children Attending Bilingual Preschool. *Child Development*, 70 (2): 349-362, Mar./Apr. 1999.